

O ARGONAUTA

O ARGONAUTA; PERIÓDICO LITTERARIO, CRÍTICO E CHISTOSO.
THERESINA, 1877.

ANNO I 26 JUL. 1877 - N. 5

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS
E/OU ILEGÍVEIS:

B
376
N

O ARGONAUTA

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E CHISTOSO.

PUBLICA-SE EM DIAS INDETERMINADOS.

(Fiat lux.)

ANNO I:	Theresina—23 de Julho de 1877.	N.º 5.
PIAHY.	Serie de 6 ng.—2500 reis; 2 ditos—3500 rs.; 4 ditos—6500 reis.	1.ª SERIE.

LITTERATURA.

Amór.

(Tradução do francez por A. Rubim Filha.)

O amor alimenta-se somente pelo sofrimento, extingue-se com a ventura; por que sendo feliz—é a perfeição dos mais bellos sonhos e tudo o que é perfeito ou aperfeiçoado toca ao seu fim.

Mas o amor comprehende perfeitamente quanto ha de existir, sabe que deve nutrir-se de tormentos e é bastante engenhoso em crear incessantemente novos alimentos; sabe mais que os sofrimentos são as garantias da sua duração e inventa mil afflicções afim do existir por mais tempo; conhece que o destino reputa seus prazeres sublimes de privilegios injustos e apressa-se em expial-os por supplicios a que se impõe tendo em vista fazel-os perdoar; sofre tormentos artificiaes que escolhe para as infelicidades reaes, que tanto medo lhe causam; faz-se invejoso sem razão de sel-o com justiça; inquietta-se loucamente diante perigos imaginarios para preparar o terrivel momento d'uma verdadeira afflicção; apraz-se em derramar lagrimas inúteis, q' poderia estancar com uma unica palavra, para exaurir os prantos amargos da ausência e do abandono.

Muitas vezes, ah! chega ao ponto de trabalhar afim de procurar a salvação profanando-se.

Então a verdade—eiz-a-ah! é o contrario do que se diz.

Ser amado?... é viver de agonias, é errar n'um deserto sem limites tendo a um cego por guia; é tremer a cada passo, e tremer pelo ente que se ama; é ter um juiz malévolo e fraco cujos conselhos interessados vos prejudicam; um juiz que não conhece nem os seus, nem os vossos defeitos e que censura todas as boas qualidades que vos ornam, porque são ellas que o fazem soffrer; é ter um inimigo traidor que tem o segredo da vossa fraquesa, que considera como crimes as mais nobres acções que praticaes, e que se arma, no seu odio imaginario, das confidencias e declarações que lhe fazeis; é ter por alliado um traidor, um adversario implacavel, que em segredo luta sem descanso contra vós, prescutando todos os pensamentos que ten-

des; é dar asylo ao mais terrivel dos espiões—o do escravo revoltado.

Ser amado... é viver d'abnegação e de confiança. Para um homem é renunciar a familia, dôres do lar, successos, glorias, e algumas vezes mesmo é se deixar deshonrar.

Para uma mulher—ser amado, ou ao menos consentir que se a ame, é mentir d'istante a instante, é perder o repouso, a alegria, a razão, o pudor e o espirito...

Oh! nos primeiros dias sem duvida o orgulho lisongera se, o coração treme e a mulher querida parece mais bella, tem mais confiança em seu poder; mais logo esta certeza se desliza, porque o inimigo só procura perdela.

Apolera-se gradualmente de todas as ideias, absorve todos os sentimentos, apaga todas as lembranças, faz-se senhor d'ess'alma e quanto mais se sente dominado mais absoluto se torna. Uma hostilidade orgulhosa trava-se entre elle e a mulher adorada.

A guerra declara-se involuntariamente; o amor... é a suprema injustiça... uma preferencia é sempre uma injustiça... mas quanto elle faz pagar tão cara e ta-preferencia! quanta-censura, quanta pena, que aversão inextinguivel, que inveja minuciosa e provocadora!...

Cousa estranha! E como isto se faz? Talvez nesta mulher para elle é sympathia; no entanto tudo o que diz e o que faz, comprehendemos, lhe desagradam! Tem elle razão de queixar-se d'ella?

Não. Porque então a atormenta sem cessar? Porque a ama!...

Porque esta mulher que outr'ora era tão espirituosa e divertida presentemente está sempre triste e inquietta? Porque é amada...

Porque est'outra que era tão elegante, tão coquette, que acompanhava a moda, que brilhava em todas as festas, hoje occulta sob longos véos, sob pezados estofos torna-se tão fria e desairosa para todos? Porque é amada.

Por que ainda—esta senhora, cuja voz era tão sonora que tão bem cantava, não faz mais ouvir seus melodiosos sons? Porque é querida... no entretanto foi justamente por sua vós que se a amou.

Porque finalmente esta mulher que escreveu paginas tão cheias de fogo e cuja imaginação era tão fértil, nem dramas, nem romances se occupa em escrever? Porque é amada e o amor que

1 8 7 7

JULHO - N. 5

cioso dos seus poeticos pensamentos não lhe permite loucas imaginações, visto como tem a pretensão de realizar os seus mais doces sonhos e inveja todas as suas creações.

« O amor encanta a vida; quando se ama, o Ceo parece mais bello, a onda tem mais fresquidão, o sol mais brilho, as aves um gorgoejo mais doce.»

Onde então os poetas foram achar isto ?

Quando se ama, pelo contrario, somente o objecto querido se vê; se elle presente não está, nada se observa, nada se ouve—sente-se sua falta e espera-se; se, porém, elle está as nossas vistas, unicamente a elle se vê, n'elle somente se pensa, e pouco importa então, verdadeira mente, que o Céu seja claro e que os passaros cantem bem.

Não é pois o amor que vem dissipar todos os outros prazeres? Crêde, por exemplo, que dous entes que se amam no dia em que estão descontentes um do outro (e quanto mais se ama tanto mais é facil descontentar-se) sejam mui sensíveis ás bellezas d'um sitio agradável e campestre? Crêde que o *dilettante*, outr'ora mais apaixonado, escuta com o mesmo delirio o seu canto favorito, quando um pensamento d'inveja o preocupa? Crêde que uma mulher se divirta n'uma conversação espirituosa, quando aquella a quem ama n'ella deixa de tomar parte? O amor permite isto? Elle consentirá vegetar junto a si um outro?

Do amor divino, ao filial, ao proprio amor materno, ao do paiz, ao das artes, ao da natureza, a todos elles destroe—e então cria triste solidão que nos cerca.

Então ser amado é ser proscripto, solitario, isolado, privado emfim....

E' perder n'um só dia—affeições, talento, valor, personalidade, vontade, passado, futuro, n'uma palavra, tudo !.....

Eis aqui como uma bella existencia pode ser anuviada por um amor. O que será então d'ella se por infelicidade é presa de dous amores?....

Julho—77.

(Fim)

Vozes d'Africa.

O ESCRAVO.

(Esta poesia não foi incluída na edição de 1876)

Deus ! ó Deus ! onde estás que não respondes ?
Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
Embuçado nos céus ?

Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus ?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé !...

Por abutre—me deste o sol ardente,
E a terra de Suez—foi a corrente
Que me ligaste ao pé....

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areal,
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simun* dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embalde—se coberta de brilhantes
Nas plagas do Indostão.

Por tenda—tem os cimos do Hymalaia...
O Ganges amoroso beija a praia
Coberta de coraes...
A brisa de Myssora o ceu inflamma;
E ella dorme nos templos de Deus-Brahma,
Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa !...
A mulher deslustrante e caprichosa,
Rainha e cortezá.
Artista—corta o marmor de Carrara;
Poetisa tange os hymnos de Ferrara
No glorioso afan !...

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...
Ora uma *cráda* ora o *barrete-phrygio*
Enflora-lhe a cerviz,
O universo apóz ella—doudo amante—
Segue captivo o passo delirante
Da grande meretriz.

Mas eu, Senhor !... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marchô em vão !
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente !
Não descubras no chão.

E nem tenho uma sombra de floresta
Para cobrir-me, nem um tempo resta
No sólo abrasador...
Quando subo ás Pyramides do Egypto
Embalde aos quatro céos chorando grito:
«Abriga-me, Senhor !...»

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vello a cabeça no areal que volve
O sirêco feroz...
Quando eu passo no Sahara amortalhada...
Ai ! dizem: «La vae a Africa embuçada
No seu branco albornoz...»

Nem vêm que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.

Lá no sólo onde o cardo apenas medra
Boceja o Sphinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas
As cegenhas espiam debruçadas
O horisonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono arquejante
Que desce de Ephraim....

Não basta inda de dôr, ó Deus terrível ? !
E', pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?...
E o que é que fiz, Senhor ? ! que torvo crime
Eu commetti jamais que assim me opprime
Teu gaudio vingador !

Foi depois do *diluvio*... Um viajante
Negro, sombrio, pallido, arquejante
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado:
«Chan, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá...»

Desde este dia, o vento da desgraça
Por meus cabellos ululando, passa
O anathema cruel;
As *tribus* erram do arcial nas vagas,
E o *nomada* faminto corta as plagas
No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir—Judeu maldito—
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa—arrebataada,
Amestrado falcão !...

Christo ! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou da minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos—alimária do Universo...
Eu—pasto universal...
Hoje em meu sangue a America se nutre
—Condor que transformara—se em abutre,
Ave da escravidão,
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora !
Qual da José os vis irmãos outr'ora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor ! De teu potente braço
Role aavez dos astros e do espaço
Perdão para os crimes meus !
Ha dous mil annos... eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito...
Meu Deus ! Senhor meu Deus ! ! !

Castro Alves.

Vivamos do nosso amor.

E's o anjo que me guias
Neste mundo d'afflicção,
E's a paz e a harmonia
Do meu triste coração.

Os teus olhos são tão lindos,
Que mais bellos não verei,
São uns olhos tão vivaces
Que no meu peito gravei.

Esses teus negros cabellos
São fitas que me laçaram,
São veludos tão macios
Que meu peito tapisaram.

Tudo em ti é primasia,
Tudo em ti brilha vivaz,
Eu te amo e passo a vida
Neste mundo tão fallaz.

Tudo em ti é poesia,
Tudo brilha com fulgôr,
Sejamos duas florinhas
Espargindo o mesmo odôr.

Eu serei um teu captivo,
Mimosinha e bella flôr,
Juntinhos tenhamos gosos,
Vivamos do nosso amor !

Abril de 77.

A. Rubim Filho.

A pedido

Honorato Moura.

Em todos os tempos e lugares parece que a humanidade soffredora sempre procurou e procura agradecer aquelles que concorrem para o seu bem quer moral, quer intellectual, quer physico.

No Piauhy, porém, succede o contrario; vemos individuos que sem rasão de ser procuram depreciar as pilulas da invenção do habil Sr. Honorato Moura, que tem procurado pelas suas laboriosas investigações proporcionar um linitivo aquelles que padecem.

No entretanto, não é isto d'estrannhar—em todos os tempos e lugares ha tambem espiritos presumidos e criticos de mau gosto, que ciosos de uma gloria inda mesmo infructifera tendem em prejudicar d'alguma sorte a consideração, que outros pelos seus merecimentos adquirem.

E é por isso que viemos do alto da imprensa dar um grito de animação ao Sr. Moura, a quem pedimos que longe de dar ouvidos ás vozes invejosas, prosiga com o mesmo afan no louvavel e util trabalho que desde longo tempo encetou.

A opinião seria e justa dos homens sensatos, será o juizo critico escripto sobre o seu curioso, benefico e feliz labor.

VIAGENS A RÓDA DO GLOBO



Expediente. Recebemos pelos últimos correios: *O Despertador, Correio da Assa, Estimulo, Escola, Jornal para todos, Revista Juvenil e a Illustração Brasileira.* Este ultimo é um dos jornaes illustrados, que prima pelas gravuras. A estampa—a Renúnciação—sobresale a todas as outras—é um typo singelo mas significativo.

Agradecemos a todas as suas redacções e promettemos enviar o nosso periodico.

Tivemos o prazer de ler um artigo sob a epigrapha—*Miserias, porem verdades incontestaveis.* fructo de intelligencia do Sr. capitão José de Lemos. Ahi analisa elle os abusos do governo em quasi todos os ramos do serviço publico e demonstra em claros quadros—o infeliz estado em que se acha a nossa patria. Sentimos que a modestia desse distincto ancião procure subtrahir da luz da publicidade um tão importante escripto, digno-seja da vida de dar-se ao prelo.

Os maranhenses preparam uma grande festa para solemnizar o faustoso dia 28 do corrente, anniversario da independencia de sua provincia. E' uma prova bastante significativa do amor e patriotismo, que dedicam ao seu torrão natal.

Depois de abrir-se a mala do correio por Caxias a 22 do corrente foi que ouvimos do outro lado o tiro.

Se é progresso—*vade!*...

Os cidadãos pacíficos são insultados em pleno dia e nas ruas mais publicas da cidade, as suas casas são arrombadas á força das pedradas dos esceteiros e ebrios; procura-se uma praça e tudo dorme! E' assim que a segurança individual soffre em seus direitos até que cheguem os factos ao conhecimento de autoridades superiores que de alguma sorte procuram desafrontar os offendidos.

Thiers.—Completo a 16 de abril 80 annos. O unico encommodo que se lhe conhece é uma ligeira titillação nas palpebras. Dotado de uma memoria prodigiosa conta com irresistivel magia. Alguem se admirava de seu inexgotavel arsenal de narrativas.

—Meu amigo, respondeu Thiers, contar é proprio da velhice. A mocidade é o romance, e a velhice é a historia.

Parece incrível.—Lê-se no *Globo*:

Declarou-se ao Sr. presidente de Sergipe que não se podia nomear carcereiro para os lugares, onde não houver cadeia.

Ora veja quanto papel, tempo e trabalho se dispendeu para resolver aquella importante questão. Esses presidentes ás vezes tem idéias! Querer por força carcereiro sem cadeias é o mesmo que ter almitante sem esquadras!

Do Jornal para todos:

« Deixem-se lá de historias, dizia um sujeito metido a sabichão,—Napoleão foi um grande homem, mas assim mesmo não chegou aos calcunhães de Bonaparte.»

Atto aos medicos.—Lê-se no *Outro mundo* jornal dos mortos:

Actos officiaes.—Satanaz XXVII, pela colei. Divin, rei do Inferno, a todos que o presentivirem, maldição; considerando que a medicina não f z progresso na terra, e depois de ter conferenciado com seus ministros, decretou o que se segue:

« Art. 1.º Todos os medicos que d'ora em diante chegarem ao meu imperio serão immediatamente atacados de duas ou tres enfermidades das mais dolorosas, escolhidas entre a que elles não souberam curar.

« Art. 2.º Seus autores clientes e especialmente os que forem mortos por incuria, fraqueza, ignorancia ou qualquer outra causa, serão encarregados de seu tratamento.

« Art. 3.º Estes empregarão o zelo e a intelligencia, que os medicos out'ora lhe dispensaram.

« Art. 4.º Lhes farão tomar por diversos meios mil drogas infectas.

« Art. 5.º Os tratarão alternativamente pela allopathia, homeopathia, hydropathia, electro-pathia e geralmente por todas as pathias inventadas por esses senhores para enterrar o genero humano.

« Art. 6.º Quanto mais soffrerem os medicos, mais devem os clientes babar-se de os terem curado.

« Art. 7.º Os medicos não curarão !!!...»

O cabelleiro Reginaldo tendo d'abrir no dia 1.º d'agosto a sua loja—á perfumaria e com todo o ceio possivel esperado illustrado publico sua protecção.

Cousas da epocha.—(A casa do cidadão (irrevolavel pela const.) varejada, luctu travada entre o juizado de direito e presidente, as pilulas do Sr. H. Moura em scena, assembléa sem trabalhar e os deputados recebendo o subsidio, quebradeira na bolsa do Argonauta, a policia dormindo, falta absoluta deceraes e de l'argent, tísica na provincial, filança no pezo da carne pelos açougues, cães pelas ruas etc.

Charada. 2—2 Esta preposição e esta paixão é um apellido.